



Visto pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII - N.º 170
PREÇO 1\$00

O NOSSO LIVRO AS CONFERENCIAS DE S. VICENTE DE PAULO

NUNCA se viu tal! Já vai muito para além de mil, o número de pessoas que estão dando o seu nome!! E' a bicha. E se fosse somente dar o nome, seria acordo comercial, dá cá e toma lá. Mas não. São almas a falar. Se nós podessemos dar à estampa as cartas que vão chegando, teríamos uma edição mais rica do que esta que vai sair; muito se havia de chorar!

Afinal de contas, nós andamos todos errados. O nosso eixo não é o que se pensa, nem o que se diz, nem o que se faz; o mundo não nos merece. Nós somos de Deus.

Estamos todos condenados a amar. Amar a Deus. Pròquê veja-se esta loucura do livro, numa época em que se fala agudamente da crise do livro.

Um livro feito de tiras e de retalhos! Um livro escrito em português do interior do Bié!! Nem parece que nós somos os ensanguentados das guerras, quando na verdade, o que nós verdadeiramente ansiamos é o Sangue do Cordeiro de Deus! Cada carta que vem a pedir o livro, trás esta mesma afirmação; lamintos do Cordeiro de Deus.

Os funcionários dos C. T. T. levam a camisola amarela. Há deles que pedem uns 15 e mais exemplares e outros estão preparando listas de nomes!

Um funcionário dos C. T. T. tem de ser pessoa de ginástica, senão, desequilibra-se e no fim de cada mês dá um tranbolhão. A nós só nos pagam os 15 dias por mês, ouvi eu, chistosamente, da boca de um sr. dos Correios: só nos pagam 15 dias por mês. E é destes 15 dias que eles vão tirar o custo do livro famoso! Os homens que lutam honestamente pela vida, necessitam de ler, de escutar palavras de vida eterna, ainda que sejam dadas em tiras ou retalhos; precisam sim senhor.

Ontem, começaram três a dobrar. Fomos buscar ao Porto o Preta, que andava de aprendiz numa oficina de encadernador e agora aqui é mestre. Júlio dispensou-lhe dois compositores e os três, dobram as folhas que tu vais folhear. Não se espera, naturalmente, perfeição.

Júlio e Avelino andam a meditar profundamente, no preço. Eles querem fazer preço único, quer seja entregue em mão ou enviado. Querem simplificar. Eu cá não digo nada. Sòmente lhes peço que sejam justos. E' isto que eu peço a todos quantos têm obrigações de responsabilidade; que sejam justos, e deixem falar o mundo.

Tivemos aqui a visita alegre e sempre suspirada do senhor Bispo do Porto que se fazia acompanhar de um Bispo do Paraná. Ambos estiveram na tipografia, inteiraram-se do andamento do livro e querem-se inscrever. O senhor Bispo do Porto é o número 990. Na história dos livros nunca se viu um imprimatur tão honroso e tão espontâneo. Ninguém tenha medo de uma obra social aonde o Bispo vai à frente; e sem Bispo tudo é de re-crear.

Uma coisa que eu noto e admiro é o índice alfabético que o Fernando teve o cuidado de fazer. São pilhus de pequeninos linguados, aonde consta o nome de cada pretendente, com o número da página do livro de inscrição. Disse-me o rapaz que é para este e para futuros livros; futuros!

O Júlio teve de ir ao médico, e este deu-lhe fitina e recomendou-lhe que andasse um bocadinho mais devagar... Já em tempos aqui disse que Júlio esgota e esgota-se; e não me enganei. Ei-lo esgotado, a tomar remédios da botica.

Espera-se no próximo número dar o preço do livro para que todos quantos ainda o não fizeram, por medo, possam agora inscrever-se à vontade. Eu já encomendi ao Júlio que não salgasse... Nós não queremos fazer dinheiro. Não temos letras nem compromissos e para o dia-a-dia, está o dia.

E' difícil a um qualquer leitor ajuizar e determinar-se por aquilo de que mais gosta, quando lê este jornal, se o faz de boa fé. E' muito difícil.

Eu tenho para mim que as crónicas dos vicentinos são o ramo da leitura. A actividade dos nossos visitantes de pobres, conquista e faz estremecer cada um dos nossos leitores, e tudo isto por uma razão imponderável: é que nunca esta sorte de actividade lhes foi jamais imposta ou sequer lembrada. São eles que espontaneamente e amorosamente se dedicam a ela. Ontem foi o dia em que o Júlio com outros, lançou as bases da Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia de Paço de Sousa. Era domingo. Eu tenho todos os domingos uma conversa familiar com os maiores, das onze e meia ao meio-dia; e ontem não. Ontem aquela meia hora foi inteiramente deles.

Eu acho que não há pedagogia mais santa do que esta de deixar que os rapazes das nossas casas ardam e iluminem. A multidão dos nossos pecados cobre-se com a esmola dada a tempo e

horas. Estes pequeninos grupos de vicentinos das casas do Tojal e de Miranda e do Porto, são a mão forte, lançada a pobres naufragos do mundo. Pelas esmolas que recebem e pelas esmolas que dão, muitos desses naufragos se podem salvar. Há dias estava no Lar do Porto a inteirar-me do movimento da conferência deles e disse ao assistente, que fariam bem se mandassem imprimir cartões-vales, para assim, em vez de dinheiro, darem géneros aos seus pobres. Muitas conferências usam este processo. Mas o rapaz disse-me que não. Eles preferem ir comprar os géneros e em casa, nas horas vagas, fazem cartuxos; nós queremos entregar pelas nossas mãos. Eu exulte de alegria interior por ouvir tamanha lição e aproveito este lugar e esta hora para a transmitir aos interessados. Se ele é verdade que dentro de todas as nossas casas acontecem diariamente tantas coisas de lastimar, também é verdade que algumas vezes acontecem felizes compensações.

NOTA DA QUINZENA

Os rapazes da tipografia vêm-me falando há muito tempo sobre a necessidade de obter uma máquina de endereçar, alegando um mundo de razões. Eles querem andar depressa. São os tempos.

O Avelino pegou em si, meteu-se no combóio e foi por aí abaixo até ao Porto entabular com a firma Araújo & Sobrinhos; tendo no regresso conversado com o Júlio. Eu apareci. Quis saber. Júlio, que estava senhor do negócio, disse-me que era preciso meditar profundamente no caso. Tomei nota do advérbio e retirei-me; profundamente. A profundidade é a medida da luz. E' o clima do silêncio. Gostei do advérbio.

Passados dias, Avelino volta à rua de S. Domingos. Da primeira vez tinha ele conversado com Nuno Araújo. Desta, fala com Nuno e com Fernando. O rapaz ia munido do seu profundamente. Ia expor um negócio e pedir um privilégio. O equipamento de endereçar, anda à volta de uns quarenta contos. O rapaz informa que não temos dinheiro em caixa e que pagaríamos em prestações mensais, conforme as possibilidades; e a firma, pela boca dos dois representantes, aceita e fecha o negócio!

Até aqui os factos. Agora vamos conversar. Primeiramente salientemos aquela afirmação cheia de beleza e de verdade: não temos dinheiro em caixa. Eis aqui o ponto forte da nossa Obra. E' justamente por esta fraqueza que tantos e tantos e tantos vêm em nosso auxílio. A seguir falemos da confiança. O Nuno e Fernando Araújo, comercialmente falando, deveriam ter pedido ao Avelino uma carta de apresentação antes de fecharem o negócio. Deveriam sim senhor. Mas não acontece assim. E' a transparência. A transparência das almas. A simplicidade.

Sim, nós somos os semeadores da confiança. O mundo acredita em nós apesar dos naturais defeitos da Obra. Na quinzena passada um dos nossos vendedores apregoava «O Gaiato» na Praia de Espinho e uma senhora tira do seu pulso e faz entrega de uma pulseira de alto valor. Não há medo. Não há recomendação especial. Não se pergunta o nome do rapaz; e deu tudo certo! Se há um ou outro que porventura tenha falhado, o Abel não. O Abel entregou. Nós somos os semeadores da confiança e desejamos continuar com esta sementeira.

FAZ agora precisamente 10 anos. Eu estava perto do meu quarto de residência, em Coimbra, quando oíço bater à porta. Era um rapaz que tinha saído de um Reformatório e andava por lá, mal tratado. Fez-me as suas queixas e deu-me o nome de outros seus companheiros. Fui pessoalmente ver o sítio aonde alguns passavam as noites e inteirei-me da vida que eles levavam. O amor é solícito. Não repousei enquanto lhes não consegui casa e modo de vida; e fui viver mais eles.

Dias depois, tomei o combóio e fui até à Arcada. Abri a porta. Era o Ministro. Disse-lhe de um Lar para os rapazes que saem dos Reformatórios. Eu levava o programa total escrito na palma da mão e foi com ela sobre o coração, que comecei a desfiar na presença do Ministro. Tal como compositor que ouve e sente o seu trabalho antes de ser executado, assim eu via e sentia o futuro desenrolar da vida de comunidade dos infelizes rapazes. O Ministro pasmava de tanta certeza e respondeu que uma Obra assim seria realmente útil, mas impossível de realizar. Já está Senhor Ministro. Nós já somos 5 a viver numa casa alugada.

Não admira a hesitação do Ministro. E' que não amam! Poucos no mundo sentem o poder e a fecundidade do amor.

DUC IN ALTUM

A vida do Lar prossegue. Todos os anos se envia ao Ministro um relatório feito de verdade. Não se escondem as deficiências nem as deserções nem os insucessos. Chegado que foi ao décimo ano da sua existência, o Lar merecia e deu-se-lhe emancipação. Foi a tantos de Julho passado. Estavam os rapazes reunidos e o Herlander também. Eu disse duas palavras alusivas ao acontecimento e a seguir disse outras tantas o Herlander.

Padre Adriano assistia. Antes, ele mais eu, na quinta do Tojal, enquanto observávamos os frutos da terra, demos os últimos retoques no formidável caso. Herlander com os agora seus rapazes, tomou conta. Já aqui esteve em Paço de Sousa, ébrio de alegria e de entusiasmo. Compraram galinhas para ter ovos de casa. Cultivam o quintal nas suas horas vagas. Adquiriram um porco para governo. Eneontram-se felizes. Herlander abre conta na Caixa Geral dos Depósitos no intuito de depositar qualquer migalha que porventura economizem, para ajudar os deles que se casam, como o próprio Herlander me informou. E' um Lar cristão. E' um comunismo igual ao das Catacumbas.

Emancipação não significa apartamento; Padre Adriano mais eu somos do Lar. Estamos no Lar. Não botamos fora aquilo que é nosso. Então quê? Vamos acudir a outras necessidades. Eis.

Nós sabemos que as mães costumam tirar o bico do peito aos filhos quando começam a sentir-se ocupadas. Existe dentro delas um novo ser que, sem tirar o lugar aos outros, precisa para si de cuidados especiais. Ora nós temos a fundação de um novo Lar em S. João da Madeira. Para nós, fundar, quer dizer gerar. Gerar com todos os trabalhos e com todas as dores e com todo o martírio que são dadas à glória das mães. Por isso emancipamos em Coimbra para mais eficazmente podermos sofrer em S. João da Madeira.

Era duma vez uma data de pescadores no mar da Galileia que tinham andado toda a noite a lançar redes ao mar e elas davam à praia vazias. O' desolação! O' desânimo! Nisto aproxima-se deles Alguém que estava ali perto. Também esse Alguém andava fatigado, mas desânimo não. O desânimo é coisinha nossa. E Jesus de Nazaré aproxima-se. Vai para juntinho dos pescadores e manda que lancem as redes ao mar: *Duc in altum*. E eles acreditaram e o milagre deu-se. As malhas das redes rebentaram, pela fartura dos peixes. Mas ainda aconteceu outro milagre maior; alguns dos pescadores deixaram ficar as barcas e redes e seguiram Jesus! Pois saiba o mundo que todo aquele mortal que por amor de Deus deixar a barca e as redes para seguir Jesus, é por isso mesmo um homem naturalmente disposto e sujeito a fazer milagres. E fazem-nos.



A NOSSA TIPOGRAFIA

AQUI vai um casal da Beira, África, com 100\$00. Vai também um rapaz de lá com metade daquela soma. A carta aonde este dinheiro vinha, informa que ele é contra a religião. Não importa. Que venha. Que venham todos que se dizem contra. Muito bem pode acontecer que estes se tornem religiosos ao recolher da procissão... Aqui deixo os meus recados à Maria de Lourdes da Beira; e mande açúcar. E um de algures na marca. Ao pé, vai um engenheiro com cem. Agora vai um do Lobito com 20\$00. Imediatamente a seguir vai a mãe do assinante 14.180, de S. Salvador do Congo. Ao lado desta senhora vai um cavalheiro da Huila; é o assinante 8540. Nem o tempo, nem as distâncias, nem os credos, nem as cores—não há força nenhuma que afaste ou descomponha os namorados da Nossa Tipografia! Mais um na marca; eu também sou um dos que muito tem sofrido, por isso venho entrar na procissão. Eis aqui um elogio à Dor. Pertinho deste vai o assinante 1523 de Silva Porto e pede que lhe não falem com o jornal. Aqui vai um português do Brasil que mandou entregar 1.000\$00. E Alcaíns com um parafuso. Ao lado vai um estudante da Universidade do Porto a dizer que o Gaiato tem sido um baluarte a defender a minha fé tantas vezes ameaçada pelas tentações da época presente. Aqui tudo reza. É um cortejo de preces particulares que eu propositadamente faço públicas, para glória de Deus. O que eu pretendo é que Deus seja conhecido. Um nadinha ao lado vai uma senhora de Beja com cento e cinquenta. E vai um dos sete amigos de Matozinhos. Outra

Se me não engano nas contas, temos hoje a registar à beira de 6.600\$. Não foi o sermão; nenhum dos que aqui vão escutaram o pregador. É a disposição. A espontaneidade. A alma. Ficamos agora com a dívida redonda de 148 contos.

vez o Casal de Provincianos. E Nelas. E o Porto por meu filho ter ficado bem no exame. E Castelo Branco na mesma. Enfileira agora uma pancadaria de rapazes e meninas das escolas e postos escolares do distrito de Évora; para dois contos falta uma nota de cem. Honra seja aos professores. Nunea mais torno a dizer mal dos alentejanos. Outra vez a Beira; a Beira do Índico. E que lindo grupo: pai, mãe e filho! Três moçambicanos como a carta diz. Outro formoso grupo de Lisboa; é o Gonçalo e a Isabel Maria e a Margarida Maria e o José Herculano. Cabem todos debaixo dum cesto, pela idade que a carta indica. O mais velho tem 4 anos incompletos. Vão caladinhos porque os pais também enfileiram. Tomei nota das datas 11 de Agosto e 4 de Setembro. Outra vez Lisboa. E Penela com saudades ao Miguel... Mais um de Sá da Bandeira com 150\$00. Mais cem. Mais mil por uma intenção. Mais cem. E Castelo Branco. E Marinha Grande. E o Entroncamento. E a Berta Rosa do Luso. E Chão de Maçãs. E uma universitária do Porto. E Coimbra. E Tavira com meia ração. E Santarém. E S. Braz de Alportel com um quarteirão de escudos. E Tereza com cinquenta deles. E Paços de Ferreira com 200\$00. E a Pampilhosa com 150\$00.

EXPEDIÇÃO DO JORNAL

AQUELA queixazinha que nós aqui fizemos sobre a entrega retardada do Famoso, parece ter dado fâsca e creio que algo se vai fazer, a contento dos leitores. Esta esperança veio dentro duma carta de Lisboa: «Li o artigo O Nosso Jornal; Alguém também o leu. Veremos o que é possível conseguir-se!» A carta prossegue. Não é muito extensa mas é muito boa. Eu gosto de quem diz muito em poucas palavras. Mais abaixo diz assim: não posso honestamente falar em Deus, porque não creio nele. Eis aqui um homem sincero; uma alma transparente. Nós sabemos do Evangelho, que foi mais tarde discípulo de Jesus, um que ao ouvir falar d'Ele, declarou aos circunstantes não acreditar que de Nazaré pudesse sair ninguém de jeito. Mas Jesus, acreditou nele.

Fê-lo seu companheiro e deu-lhe a coragem de vir a morrer por amor do Seu nome. Mas a carta continua; enquanto nega a existência de Deus acredita no jornal; mas creio no jornal, o que já é alguma coisa. Eu digo que é muita coisa. O jornal é o caminho. Este jornal é o caminho. Este jornal é uma premeditação terrível. Não passa aqui nada que não seja no intuito de tornar o Pai Celeste cada vez mais conhecido.

Alguém também o leu. Ora vindo esta carta dum funcionário dos C. T. T., segue-se naturalmente que aquele alguém é um dos grandes, senão o maior de todos. Leram. Mediram. Conversaram e agora, ao que se vê, estão a cosinhar. Vamos a ver o que sai. Que o alguém é um dos grandes, não resta dúvida nenhuma. Que seja um grande sem dor

dos pequenos, isso é que eu não sei. E contudo, só por esta razão e por mais nenhuma, é que pode um mortal vir a merecer o título de grande.

Quem não for pelos fracos e pelos humildes, pode vir a ser tirano, cuidando que é um grande. Ora nós somos uma Obra pobre a bem dos pobres. Que o senhor dos C. T. T. acuda por nós.

Há mais quem se queixe de demorarem na entrega do jornal. Exemplo: Quanto ao Gaiato entrar nos sacos, a distribuição deixa muito a desejar. A carta é extensa. É um lençol de queixas. É como esta outras e outras e outras.

Os rapazes da tipografia discutiam há dias esta e outras cartas que vão chegando e disseram-me que é mesmo assim. Que os semanários vão pró sacco e quando

chegarem ao seu destino chegam. Que os diários não; que esses uniu-ua quentes do prelo, já estão sendo devorados pela curiosidade dos amadores. E disseram-me os rapazes mais coisas interessantes, que eu totalmente desconhecia e agora compreendo melhor. Realmente a maioria dos homens vive da imaginação e procura notícias adequadas. E o jornal quem lhes dá. São os diários que o alimentam. Eles têm apetite delas. Manhãzinha cedo, com o primeiro almoço hão-de vir as primeiras notícias: Portugal-Espanha, A Volta a Portugal, Reuniões elegantes, Banquetes e se não fosse a Censura mais haveria que ler. E' o profano. E' o superficial. E a Coreia? A Coreia e tudo o mais que vem aí. Ora isto é que é preciso ler e gozar. Que não (CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

POBRES

Naquele dia, fui pessoalmente colocar sobre os ombros daquela que se queixava de frio no mês de Agosto, um precioso chale que me deram. Digo precioso por quanto ele foi companheiro e testemunha de uma vida que se apagou aos 94 anos; o chale era de minha mãe que morreu com 94 anos. Muito há-de ter dado que falar esta estimada peça de roupa, naquele bairro pobre, aos ombros de um pobre; sim. Muito se há-de ter ali falado. O povo conhece e ama a Deus somente pelo bem que nós fazemos uns aos outros; e até aqueles que não conhecem nem amam, começam a sentir dúvidas da existência de Deus e sede de O amar. Gostei de ver o semblante extraordinariamente alegre da que se queixava de frio, e da meiguice com que ela a apalpa sua prenda, enquanto diz ai que quentinho. Como sempre acontece desde que eu tenho dentes, a seguir a este vieram mais e mais e mais chales; e nós vamos favorecer mais e mais e mais pobres.

Também ontem aqui na Aldeia fomos visitar pobres; era eu e quatro rapazes. Levamos um daqueles graciosos pacotes de açúcar que alguém de Lourenço Marques nos costuma enviar, dentro do pé de meias. Um dos pobres, que está de cama há um ror de tempo, toma o açúcar em suas mãos com visível contentamento enquanto diz, resignadamente, não sei por onde ele anda agora. E continua a informar-me com palavras suas que ninguém arranja, nem sequer um quarto dele e que já se vai a fazendo a tomar o café sem ele; boto uma pedra de sal pra disfarçar. A bola de açúcar estava ali sobre a mesa. Estávamos nós todos. Estava o catre. A doente cerra os olhos enquanto balbucia: fel. Fel e vinagre. O café sem açúcar é melhor de tomar do que o fel que o meu Jesus tomou. Eu cuido que estas palavras, ditas naquela hora por aquele pobre, haviam de calar muito mais fundo na alma dos candongueiros do que o fazem as pesadas sentenças dos juizes. Haviam sim, mas eles desconhecem estas belezas escondidas. Eles amam o esterco.

Não nos iludamos. Eu não sou o «poeta da miséria» como alguém me chamou. Se há um doente pobre com bastante resignação que torna o fel do Calvário em açúcar do seu café, isso pode resolver o problema d'ele sim, mas não nos tira o crime de sobre os nossos ombros. O crime de não darmos a este e a outros como ele, o açúcar e tudo o mais a que têm direito. Não nos iludamos...

Quando chegamos a casa, o Avelino acabava de colocar o correio sobre a minha mesa de trabalho. Começo a abrir. Dentro de

AQUI, LISBOA!

por PADRE ADRIANO

Há um ano que, por conselho médico, acampamos com alguns dos nossos Rapazes, à beira mar, nas areias da Ericeira. Logo de entrada, alguém nos vem pedir abrigo para um rapaz da terra que era o terror daquelas paragens.

No dia seguinte, enquanto me preparava para a Missa, pedi informações do rapaz ao Rev. Pároco. O pequeno ajudante que estava atrás, mal percebeu de quem se trata, tem um desabafo instantâneo:

—É o sapo. Isso é um malandro!

—Ah, sim? Então é dos nossos.

—Ainda há pouco, acrescenta, andava por ai a furar com um prego as panelas de alumínio expostas nas montras...

À tarde, enquanto se reparava, numa oficina da vila, uma pane do carro, fui abordado por uma chusma de garotos da terra. Perguntei-lhes pelo Sapo. Foram logo à procura dele e, momentos depois, ai vem o Nicolau rodeado pela troupe. Era de meter medo: sujo, cabelo de palmo, estarrapado, batia um sapo em fealdade.

Em pouco tempo, tudo se combinou, e, logo que ficou reparada a pane, o Nicolau já com o cabelo cortado e com uma camisa lavada que uma Senhora lhe deu, seguiu comigo para o Tojal. Depois de bem lavado e vestido, viu-se que o Sapo não era nada feio.

Passou-se um ano.

uma carta vinham duas notas de quinhentos a dizer para os pobres. Falam duas iniciais, M. F.. Confirmaram as promessas de Jesus. Eu tinha dado cinquenta e venho receber mil.

Cá estamos de novo na Ericeira. As tendas de lona de então foram substituídas por esplendidas casas de madeira e lusalite, na praia de S. Julião a cinco quilómetros ao sul de Ericeira. Está a tomar conta o nosso engenheiro.

Foi preciso ir às compras. O Sapo foi escolhido para o acompanhar por conhecer bem os costumes, a praça e o peixe.

Mal entra nas ruas da Ericeira corre voz a chegada do ilustre conterrâneo. Todos quantos estão em casa chegam à janela. Muitos descem à rua para ver melhor. Sucedem-se as exclamações de júbilo:

—«Olhem o Nicolau! Olha o Sapo! Adeus ó Nicolau!

Ai que estás tão lindo! Vês agora és um homenzinho!

Porta-te sempre bem, tem juízo!

Até os antigos companheiros passam:

—Eh pá, tu agora nem nos conheces.

Muito senhor de si, o Nicolau não dá satisfações a toda a gente; apenas corresponde com uma saudação muito discreta.

Quem conhece aquela história do lobo de Gúbio que Francisco de Assis consegue transformar em manso cordeiro poderá ver, neste episódio, a repetição do milagre de então.

O último turno dos nossos Rapazes nas Colónias de Férias, na Ericeira, deu lugar a mais dois turnos de crianças do Tojal. Quizemos estender também aos filhos desta pobre gente os benefícios que Deus ali dá para todos.

Entregues aos cuidados do campo, os saloios pouco mais pensam do que nas suas cinoilas e nas ciboilas que cultivam com mãos de mestre. Passam tormentos enormes para conseguirem

colocar na praça os seus produtos. Sem igreja, sem água potável, além da que os Cardeais, em tempos áureos lhes deixaram, vivendo em casas que os bisopós construíram, muitos vão pagando com a vida, a incúria a que os relegaram. No fim da semana o Zézinho e o Martinho, recebem quase toda a fêria e quantas vezes a dívida se vai acumulando, sem esperança de dias melhores.

Bem merecem pois os filhos desta Terra, o nosso carinho.

Já regressou o primeiro turno; está em estágio o segundo.

No domingo último, estava à cunha a saleta que serve de igreja paroquial. Não era o Evangelho que os trazia ali: era o estômago dos filhos. Vinham saber notícias.

Disse-lhes maravilhas dos filhos: que estavam muito mais gordos, que eram bem educados, até já sabiam rezar, que eram tão espertos como os filhos de gente nobre da cidade, que iam, no futuro, ser a sua honra e amparo na velhice.

Há lágrimas de contentamento! Quem meus filhos beija...

Obrigado, Senhor Prior, olhe que o meu filho há-de vir agora sempre à igreja.

Não esperava tanto. Mas a lição aí fica para quantos trabalham em terrenos áridos como este.

Tem sido através da assistência aos Pobres, por meio de inúmeros medicamentos e injeções da nossa Conferência, da Casa de Trabalho que fundamos para as meninas, das Colónias de férias e do salário que aqui damos semanalmente a muitas famílias da terra, que conseguimos desfazer a ideia falsa do padre.

Começa a entrar-lhes pelo estômago e pelos olhos, a crença na Religião que já não é o ópio porque é pão dos filhos.



Não importa o sal ou adubo; sendo feita por eles, é a melhor comida do mundo.



Proquê, veja-se.

O VERDADEIRO CRISTIANISMO

De JÚLIO MENDES



DO QUE NÓS

NECESSITAMOS

ESTÁ-SE tornando elemento indispensável, a existência em todas as nossas Casas, de conferências de S. Vicente de Paulo. Elas são, sem dúvida alguma, o verdadeiro cristianismo. Cristo deu-se e morreu pela humanidade; os confrades dão-se e vivem integralmente o primeiro mandamento.

Dizia que as conferências de S. Vicente de Paulo, são elemento indispensável na nossa formação de verdadeiros cristãos; é assim mesmo. Por quê? Só quem é vicentino poderá responder, e, quantas vezes inexplicavelmente, pelas lições que se aprendem no contacto directo com a miséria social, a que nós já, infelizmente, pertencemos, e agora melhor a sabemos compreender.

Por tudo isto e, por na nossa Aldeia de Paço de Sousa, não haver uma Sociedade integrada no espírito de Ozanam, nós, um grupo de rapazes desta nossa Aldeia tão formosa e tão portuguesa, resolvemos meter mãos à obra e tornar em realidade, uma Conferência Vicentina. E' meia dúzia, o número daqueles que aderiram efectivamente aos chamados confrades. Além destes, contam-se por inúmeros os denominados aspirantes. Todos querem colaborar. O ideal é superior: os nossos irmãos pobres.

Como é regra geral, as obras de espírito evangélico, principiam sem nada. Nada de material, apenas confiança na Providência. Claro que seria impossível uma obra, como uma Conferência de S. Vicente de Paulo, viver sem auxílio material. Mas, confiamos em que o primeiro dos nossos leitores que nos leia, levante o braço e diga: presente; aqui têm X. Consequência lógica: confiamos no milagre da multiplicação dos pães. A Nossa Conferência é devotada a Cristo, ao Santíssimo Nome de Jesus. A nossa Obra a Ele está entregue, e a no sa Conferência na mesma.

Não valerá a pena perder mais linhas e gastar mais prosa. Tudo o que é necessário já foi dito: nova Socie-

Outra Sociedade Vicentina; agora em Paço de Sousa.

UM APELO

dade Vicentina; pobres para socorrer; parte material deficitária.

Agora, o que nos resta é aguardar de ti, caro leitor que nos escutas e ouves, nos envies, hoje mesmo, ou melhor, quando puderes, qualquer coisa que mitigue a fome, cubra a nudez; enfim, encha de alegria um nosso irmão que, do pouco que possas enviar, necessite. E desta maneira todos nós, Cristãos, se desse nome formos dignos, praticaremos o verdadeiro cristianismo; sintetizado naquelas palavras eternas do Mestre; tudo aquilo que fizeres ao mais pequenino dos teus irmãos, a Mim mesmo o farás.

TOALHAS; a campanha das toalhas.

Cuidava eu que estarias cansado da derradeira volta, e eis que me engano redondamente. Elas chegam todos os dias, por encomendas postais. Tal como quem manda, também as peças não são iguais; nem tamanho, nem cor, nem qualidade. Algumas trazem marca e foram passadas a ferro. Outros, trazem a alfazema do bragal. Todas são declarações. Temos aqui pacotes de Caxarias, Coimbra, Aveiro, Lisboa, Penacova, Trofa e mais e mais e mais. Outros mandam dinheiro: aqui vão 100\$ para as toalhas no fio. Mais 6 pacotes de portugueses suave. Quem será que deseja que eu fume? O carimbo é do Porto e a letra é de quem sabe. O pior é que Zé Eduardo está em férias e já deu com eles...! Mais roupas de Lisboa. Mais mil escudos. Mais roupas de Ourém. Mais 100\$ da capital.

Mais 500\$ de Ermida. Sim senhor. Cumpri: Olhe foi alguém da sua família que me viu ir à Mabor comprar um par de sapatos e meias para o Morris e interveio e eu não paguei nada! Mais dinheiro para os pobres. Mais de Paços de Brandão peças para as nossas oficinas. Mais o peditório da Póvoa do Varzim, o qual fizeram o favor de me roubar! Mais a Juventude Operária Católica da Beira, África Oriental, que saltou para rua de saca na mão e acaçou à roda de nove contos! O Império terve. As cartas fazem cachão; são palavras e Obras. Mais de Esposende 100\$00 do meu primeiro ordenado. Mais um senhor do Porto, do Académico, que nos manda uma bola e quer que a gente fale do seu club. Falamos sim senhor e temos muito que dizer. É lá que os rapazes do Lar do Porto costumam freinar. Mais 7 contos à missa das 11,30 no forte de S.^{ta} Catarina; e uma aliança de oito. Mais um senhor que nos quer oferecer um prédio em nome de sua filha, e nos pergunta de como há-de fazer. Eu respondi que sim senhor. Que em vida aceitamos e agradecemos tudo e que por testamento não podemos aceitar nada. Nunca é demais frisar a razão por que recusamos; é o medo de que esta Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, venha, mais tarde, a cair na desgraça de viver dos seus rendimentos em vez de viver do seu trabalho. Mais 70\$, remanescente do custo duma «gerbe» oferecida ao falecido Ex.^{mo} Sr. Dr. Domingos Alves Araújo. Mais eu que encontrei na rua um sr. do Congo Belga, portador de três notas de mil escudos dos nossos amigos de lá. Não se trata de assinaturas, conquanto sejam em grande número os assinantes daquela colónia. Trata-se sim, de um acréscimo pela alegria que os portugueses ali sentem ao lerem, no Gaiato, notícias de Portugal. E mais nada.

NO PRELO

«ISTO É A CASA DO GAIATO»

Colectânea de artigos de maior projecção publicados nas páginas de «O Gaiato», com esse título.

Obra original, que interessará vivamente milhares de leitores. Que assim será, prova o elevadíssimo número de pedidos, que diariamente e constantemente recebemos.

Para se inscrever como pretendente à aquisição deste livro, basta enviar-nos o seu pedido, num simples bilhete postal, dirigido à Editora

TIPOGRAFIA
DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA...

... DO LAR DO PORTO

JULGUEI que os amigos da nossa Conferência estavam esquecidos dos nossos pobres, mas depois verifiquei que tal não acontecia.

Foi preciso sim, falar mais alto um bocadinho, mas em boa hora o fiz, pois que os nossos benfeitores depressa acorreram às nossas necessidades. Não tínhamos dinheiro para os nossos pobres e precisávamos de mais algumas coisas, entre as quais uma cama completa, tudo veio graças a Deus. Assim se tínhamos vontade de traba har e de prosseguir com entusiasmo ainda com mais ficamos. Estamos deveras contentes com a generosidade dos nossos benfeitores. Atenderam-nos no momento preciso, no momento de maior necessidade e assim podemos de novo dar a esmola aos nossos pobrezinhos. Mas não quero dizer com isto que com o que nos deram podemos manter desafogadamente a Nossa Conferência. Não!

A minha pobre já tem uma cama completa para substituir a sua de pau. A armação de ferro foi dada a um confrade da nossa Conferência juntamente com tinta para a pintar. E uma senhora da Rua Miguel Bombarda encarregou-se de mandar o colchão juntamente com um cobertor, dois lençóis, duas fronhas, uma coberta e uma traveceira.

E uma Senhora que julgo ser do Pinheiro Manso, manda entregar no Lar do Porto 100\$00 e um grande pacote de massa. Esta Senhora já tinha telefonado a dizer que mandava para o Espelho da Moda, mas como lá não apareceu nada, deve ser esta a dita esmola. Esta Senhora diz ser por alma dos seus. Pois que Deus os tenha em eterno descanso. E mais a promessa de uma mulher pobre de Lisboa que diz mandar breve um mealheiro com perto de 100\$00 e uma outra que manda por carta 20\$00 e a promessa de continuar a mandar mais. Estes donativos têm um sabor

... DA CASA DE LISBOA

Na última reunião dia 6 do corrente houve grande concorrência; eramos nós os confrades, um confrade de Vialonga e dois de Lisboa, um deles trazia 50\$00 duma modesta funcionária do Estado. Outra enviou uma linda pulseira para os nossos queridos pobres, que o ano passado tinha custado dois contos.

Nós confrades, visitamos os nossos pobres todas as semanas que são oito e também vamos às vezes com o nosso Assistente aos bairros de Lisboa que são às dezenas.

Nesta última reunião falamos sobre uma caso de miséria que fica no centro da cidade-Rua de D. Pedro V em frente da magnífica praça do Rio

de Janeiro. A casa tem uma frente de encantar com boas pinturas, porém, por dentro é dividida por papeis, sacos de cimento, etc, etc.

Na nossa reunião de chefes em Paço de Sousa houve vontade de se fundar uma conferência na Aldeia. Podem querer que se faz bem, não desistam. Olhos postos nos nossos irmãos pobres!

O Sr. Herlander va fazer o mesmo no Lar do Ex-Pupilo em Coimbra. Bem haja!

EXPEDIÇÃO DO JORNAL

CONTINUAÇÃO DA SEGUNDA PÁGINA

falte o jornal àquela hora.

Eu tenho pena de ver o nosso Gaiato postergado. Tenho pena de o ver dentro dos sacos. Custa-me ver luz debaixo do alqueire e os homens andarem às apalpadelas. Vamos a ver o que resolvem os Serviços do Correio.